



ADAGIÁRIO GAÚCHO

Victor Russomano

VICTOR RUSSOMANO, médico e bacharel, não foi apenas o militante da política, o deputado à Assembléa do Estado e à Câmara Federal, surpreendido pela morte em plena atividade pública, quando discursava durante a malograda campanha presidencial de 1937. Foi também, e sobretudo, um estudioso, tendo exercido o magistério em estabelecimentos secundários e superiores de Pelotas, sua cidade natal. Publicou, em sua mocidade, "A escravidão social da mulher", obra editada em Portugal. Em 1932, deu-nos "História Constitucional do Rio Grande do Sul". O "Adagiário gaúcho" só foi publicado em 1938, na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul".

Dada a significação e importância do "Adagiário", resolvemos, com a devida vênia, receditá-lo nesta revista, pensando com isso proporcionar-lhe maior divulgação. Como se verá, é um trabalho probo e meticoloso, que revela, antes de mais nada, o carinho que as cousas da terra mereciam a Victor Russomano. Não duvidamos que o especialista possa respigar-lhe senões, mas ninguém negará ao autor o alto título de ser, entre nós, um autêntico desbravador nesse género de pesquisas. Daí decorrerão suas possíveis deficiências, mas também seu mérito, que este é indiscutível.

Iniciamos hoje a publicação do "Adagiário gaúcho" na esperança de que esta obra venha a estimular o interesse de quantos disponham de subsídios para completá-la e enriquecê-la. Afora isso, seria desnecessário encarecer o valor dos adágios, ditos e igens amorosamente reunidos por Victor Russomano, como elementos de palpante representação psicológica da gente brasileira do Rio Grande do Sul.

*Tempo composto à noite e mulher que
foi de outro, ôlbo nêlo, ôlbo nela.*

Refere-se à inconstância da mulher que já teve relações de vida conjugal com outro homem. Ao mesmo nos previne da inconstância do tempo. É a "donna é mobile" da canção com o "piuma al vento".

Cavalo dado não se olha o pêlo.

Que é como quem diz que não se discutem as qualidades daquilo que se ganha de presente, sem esforço.

Terneiro flaco todos lo pialam.

Este adágio é o primeiro da série no qual se observa a nota regional, principalmente a influência platina, tão acentuada no linguajar dos nossos gaúchos da vida pastoril. — *Flaco* — adj.: fraco, enfraquecido, um tanto magro. É, segundo Romaguera Corrêa, vocábulo castelhano empregado em vez de *fraco*. — *Pealar* — verbo transitivo (corrução de *pear*): prender o animal pelas mãos ou patas dianteiras, atirando nestas o "laço", quando o animal vai correndo; enganar, fazer outro cair numa

esparrela. — Dada a grande significação desse vocábulo, vamos transcrever o que, sobre a ação de pealar, o “pealo”, nos dizem Roque Callage e Romaguera Corrêa. Há várias maneiras de pealar. Os mais interessantes são: a) o *pealo de cuibarra*, que consiste em atirar-se o laço, fazendo-se um rápido movimento de torsão com o punho, de modo que a *armada do laço* (laçada) se apresente na frente das mãos do animal; b) o *pealo de sobre-lombo*, que é feito com armada grande no laço e atirado por sobre o lombo do animal, enlaçando-lhe as pernas (patas traseiras). — Encontra-se, a cada instante, o emprego desse termo em sentido figurado. Ex.:

*O tatu desceu a serra
com fama de laçador;
tira laço, bota laço,
bota pealos de amor.*

(Quadra popular)

O laçar é uma das primeiras façanhas dos guris das estâncias.

No nosso caso, aplica-se ao indivíduo de que todos abusam, porque ninguém o teme.

*Laranjeira carregada na beira da estrada
ou é azêda ou tem marimbondo.*

Quando uma cousa boa, na aparência, não é desejada, é porque tem, na realidade, algo que repele o desejo de possuí-la.

Mulher e barro... pelo meio.

Há uma nota sensual, aqui. Encerra um conselho a ser utilizado quando, em viagem, hesitamos na travessia de um pequeno lodaçal.

*Cavalo de olho de porco, mulher que
foi de outro e homem de fala fina,
cuidado com a relancina.*

Surge, de novo, a figura da mulher que amou, uma vez, como a de uma mulher da qual se deve sempre desconfiar. — *Olho de porco* se diz do cavalo

de olho branco, que nunca se amansa de um todo: indomável. Não conhecemos o registro do termo nos vocabulários citados. — *Relancina* — subst. de relance, mas é empregado como locução adverbial — *de relancina*, que quer significar repentinamente, ligeiramente, *à vol d'oiseau*. — Avisa-nos o adágio do perigo que há em confiar em tais seres, principalmente no homem cuja voz é de timbre efeminado... Em João Simões Lopes Neto, um dos mais perfeitos escritores do regionalismo gaúcho, encontramos outra modalidade: “Cavalo de olho de porco, cachorro calado, homem de fala fina... sempre de relancina”. Aqui se inclui o cão que não late, que é o temível. Em todos predomina, porém, o conselho de desconfiar do homem que até na voz engana.

Devagar pelas pedras ou *Ao tranco no pedregulho* ou *Mais devagar pelas pedras*; *Não se apure que é lançante.*

São todos estes variantes de um mesmo adágio. — *Lançante* — grande declive num cêrro ou coxilha. Lembram o cuidado que se deve ter nas dificuldades da vida, evitando, então, os juízos e atos precipitados. Também são usados a título de conselho, quando, por exemplo, em roda, alguém conta algum fato que pode ferir a suscetibilidade de alguma pessoa presente. E o narrador logo compreende...

O olho do dono engorda o boi.

Sentido claro da necessidade da vigilância direta sobre os nossos negócios, que não prosperam, quando dirigidos por prepostos.

Tem o olho maior do que a barriga.

Acusa o ambicioso de riquezas que excedem à sua subsistência. Equivale ao adágio crioulo argentino: “Tiene más grande el ojo que el buche”.

A melhor espiga é para o pior porco.

São as injustiças da sorte, que é cega. Um indivíduo tem sorte sem merecê-la.

E melhor andar à roda que rodar.

Rodar — verbo: ato do cavalo que, trocando ou galopando, cai para a frente, arrastando a pessoa que o monta na queda. O cavaleiro quando ágil, pode sair de pé, como sucede com os campeiros. No sentido figurado: sair-se mal, ser enganado ou infeliz num negócio. — Sendo um aviso para a vida material, aplica-se-o à vida moral também. Preferível sempre evitar andar depressa, onde há probabilidade de um desastre.

O mate das senhoras de Morais ou O café do João Cardoso.

Equivalem-se. Varia, apenas, a bebida. Naquele, é o mate, mais próprio da região missioneira; aqui, é café, usado em maior escala no Sul, porque este dito foi registrado no Basílio, estação da estrada de ferro Rio Grande-Bagé. A explicação que daquele nos dá o Pe. C. Teschauer S. J. serve para o segundo, *mutatis mutandi*: "Diz-se quando se oferece e depois não se dá o oferecido, como fizeram as senhoras de Morais, que costumavam obrigar as suas visitas a esperar por um mate. Mas preparavam-no com muita demora, perguntando ora se o queriam com erva das Missões, depois com a do Paraguai, ora se com leite ou com açúcar ou sem ele, passando-se assim mais de duas horas, até que, finalmente, a visita tinha de sair em jejum". (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* — III e IV trimestres — Ano VI — 1926 — "A Erva-Mate na História e na Atualidade"). Esta aplicação, diz o autor citado, colheu-a na *Revista Histórica* de Exardo. — Acerca de "o mate de João Cardoso", pode-se ler o episódio nos "Contos Gauchescos", de João Simões Lopes Neto, pág. 59.

Quem não agüenta bulha não ata porongos nos tentos.

Porongo é uma espécie de cucurbitácea, de cuja cabaça se fazem cuias de mate e servem também para depósito de água potável, nos ranchos pobres. Deriva do *quichúa-purunca*. — *Tentos*: duas tiras estreitas de couro com que se ata o laço enrodilhado na parte posterior de lombilho. Servem ainda para amarrar outros objetos, como o poncho. Exemplo:

O tatu foi encontrado
Lá no cêrro de Batovi.
Levava officio nos tentos
Para o General Davi.

(Quadra do tempo dos *farrapos*).

Tentos é plural de *tento*, tira fina de lonca (couro despido de pêlo). Vocábulo de origem platina — *tiento*. — É hábito do gaúcho viajar trazendo porongos presos ao lombilho. Quer o adágio significar que o homem não deve ser "prosa", provocar conflitos que ele não tem força para repelir. Enfim, é o mesmo: "quem não pode com o tempo não inventa modas".

Não censure dor alheia quem nunca dores sentiu.

Nota — Este e alguns que se seguem são adágios em forma poética. Extraídos quase todos do "Cancioneiro Guasca", de João Simões Lopes Neto, e aqui incluídos porque são tidos pelos folcloristas, em geral, como elementos preciosos, os cancioneiros. Para esse autor, essas formas, embora sendo "alheias à nossa maneira", já estão "incorporadas nos descantes locais, em geral". Além disso, mesmo sob as vestes da poesia, valem essas formas como verdadeiras sentenças.

A pedra grande faz sombra, e a sombra não pesa nada.

Parece querer significar que só vale a cousa em si, isto é, que o homem

pode dar de si, apesar do seu valimento, cousa inútil.

Quem vê uma bagualada, vê mais um vulto do que pêlo.

Bagualada — porção de “baguais”. *Bagual* — potro que ainda não sofreu galope; cavalo recentemente domado, emprega-se como adjetivo no sentido de arisco, espantadiço, abrutalhado, referindo-se a outros animais que fogem da domesticidade para o campo, como a ovelha, o cachorro: aquêlê cachorro ficou *bagual*. Aplica-se ainda às pessoas quando se quer dizer que têm pouco trato. Quando se queria qualificar o boi ou cachorro, usava-se *chimarrão*, mas hoje não é corrente. Exemplo:

“Eras *bagual* matreiro e quebralhão
Que couce e manotaços meneavas
Forte touro que o laço rebentavas
Furioso, atrevido, *chimarrão*”.

(Poesia do Cap. Marques de Oliveira contra o tirano Rosas).

Bagual é palavra derivada do araucano — *cabual* que, nos pampas argentinos, deu o *bagual*, usado no Rio Grande do Sul. No caso, o adágio exprime a confusão das multidões, nas quais desaparecem os característicos individuais para predominar o “vulto”. Quer, por fim, significar que não se pode conhecer o *pêlo* na multidão.

A galinha e a mulher não se deixam passear: a galinha o bicho come, a mulher dá que falar.

Nota-se a “desconfiança” do gaúcho na concessão à mulher de qualquer facilidade.

Não vive ninguém no mundo sem ter os seus inimigos.

É a dolorosa filosofia do mundo... Há como que um “fatalismo” nesta confissão.

Quem anda fora dos pagos, nada deve ser arrogante.

Pagos — do latim *pagus*, aldeia, lugar pequeno. Equivale a lares, penates, habitação. Lugar onde se nasceu; o rincão, a querência, o povoado, o município onde alguém mora ou de onde é natural. É um dos vocábulos de mais uso e vemo-lo, a cada passo, pronunciado ou escrito, na linguagem popular e na poesia. Vive nêlê, pois que é usado no plural, o amor pela terra natal. Exemplos:

“Meus *pagos* não são daqui
Nem daqui eu quero ser.
Meus *pagos* são Quaraí,
Onde nasci, vou morrer”.

“Quando vim lá dos meus *pagos*,
Muita menina chorou.
Eu também chorei um pouco
Por uma que lá ficou”.

Contém o adágio um conselho. Quando em terras estranhas, longe dos nossos, convém dominar os seus ímpetos, pelo desconhecimento do terreno, etc.

Ninguém abuse dos outros por mais que seja pimpão, pois sucede ver-se um cuera a pé, de freio na mão.

Cuera — homem destemido, desabulado, valente. Não confundir com *cuera*, ferida incurável que se forma no fio do lombo, proveniente dos arreios. O gaúcho que é visto a pé, carregando o freio, toma um aspecto de vencido... É como o soldado que perdeu as armas e se retira. — Aconselha-se, aqui, a não achar ninguém fraco, tímido.

Quem no mundo não arrisca, não ganha nem perde nada.

É mais profundo do que o nosso vulgaríssimo: “Quem não arrisca não petisca”. Neste incita-se a procurar a sorte; naquele, se não dá, também não tira, deixando-nos com o que é nosso.

Tenho medo da mulher e da rabiça do arado.

O mesmo espírito de desconfiança, acêrca da mulher, e mesmo até o receio de que a mulher lhe trará encargos pesados.

Quem anda cego de amor, não sabe se é noite ou dia.

É uma definição exata da paixão que cega, tornando o homem estranho ao mundo que o cerca, a não ser em relação ao objeto da sua afeição.

O marmelo é boa fruta, enquanto não apodrece.

Significa que tudo é bom, enquanto não fôr atingido pelo mal. Também significa que o que é bom pode, um dia, ser mau.

Que o milho plantado tarde, dá pendão, não dá espiga.

Tudo tem o seu tempo, na vida, isto é, não devemos esperar o que desejamos, quando não soubemos aproveitar a ocasião.

Segrão muito encoberto é sempre muito sabido.

Sempre a "desconfiança" da alma do gaúcho.

O tijão brigou com a brasa e a panelinha caiu.

Parece-nos o equivalente do "briga a onda com o rochedo, vai o marisco no meio". É que sempre resulta mal a quem se vai meter entre os que lutam, sem nada ter com isso.

Dizem que o cigarro tira as mágoas do coração.

O gaúcho gosta do cigarro, que elle usa feito de palha seca.

Vou fazer a despedida que fêz o cachorro magro.

Assim faz aquêlle que come, bebe à vontade e sai sem agradecer o obséquio.

Tico-tico no terreiro, quando chove não se molha.

Parece significar que o homem esperto, "escovado", sabe evitar dissabores.

Quem tem medo não se chega, quando o touro escarva e berra.

Refere-se à coragem de que é preciso para alguém se aproximar de um homem que embraboeou.

Lagoa que não tem junco, que lagoa pode ser?

Junco — planta com que se preparam os açelchoados dos lombilhos. É usado como sinônimo de lombilho. Aqui é usado no sentido próprio de planta que dá em lagoas e pântanos. — Refere-se — parece-nos — a que um homem ou mulher deve possuir atributos naturais. A barba, por exemplo, no homem...

Ninguém se pára tranqüilo frente às varas da porteira.

Não se deve confiar demais em certos momentos e lugares. Figuradamente, alguém se posta junto à porteira, certo de que as varas o protegerão da disparada da tropa — o que pode falhar.

Quem tiver filhas no mundo não fale das malfadadas.

Compreende-se, facilmente, o sentido e a aplicação do conselho.

As pedras com serem pedras sentem os golpes que lhes dão.

Pois, se mesmo as pedras sentem, como imaginar que o homem possa receber golpes, impassível, sem reagir?

Inda ninguém cantou glória que não acabe chorando.

São as alternativas da vida. Ensina-nos a não nos vangloriar-mos facilmente, porque a sorte pode mudar.

Muito fraco é o "carreirista" que tem um cavalo só.

Carreirista — o que se dedica a corridas de cavalos e as aprecia. Na vida, deve-se sempre pensar que, de um dia para outro, nos pode faltar o que julgamos infalível.

Ninguém descubra o seu peito com tenção de aliviar.

É o conselho que, sob uma forma sentenciosa, faz desconfiar do alívio das confidências, para os nossos males interiores.

No mais duro pau d'espinho nasce uma rosa fragrante.

Imagem poética do milagre do bem e da beleza nascer do mal ou da fealdade. Num coração empedernido pode nascer uma afeição.

Você diz que me quer bem, e sempre ao lombo me vem.

Refere-se, figuradamente, aos castigos morais que ao ente querido inflige o que diz amá-lo.

Quem tem janela de vidro, não deve atirar pedrada.

Equivale ao "quem tem telhado de vidro não atira pedra no telhado do vizinho". Aplica-se a quem, tendo falhas na sua vida, pretende censurar os outros.

Uma ovelha ruim põe um rebanho a perder.

É a verdade das más companhias na direção da nossa vida.

Dizem que o mate afoga as mágoas do coração.

São as virtudes do mate de que o gaúcho usa e abusa.

A fumaça é coisa fina, vara parede dobrada.

Lemos, nos "Contos" de Eça de Queiroz — o "José Matias" — o seguinte, que também nos dá a idéia encerrada no adágio: "Já, porém, no tempo de Aristóteles, se afirmava que amor e fumo não se escondem e do nosso cerrado José Matias o amor começou logo a escapar, como o fumo leve, através das fendas invisíveis duma casa fechada que arde terrivelmente". — Parece-nos que esse é o sentido: o fumo denuncia o fogo.

Corre o galgo atrás da lebre; o cão da perdiz tem furo.

São dois adágios num só, mas é fácil compreender-lhes o sentido: a cada um o seu dever.

Todo o barato sai caro.

De grande e cotidiana aplicação. Vulgaríssimo.

Não há vidro que não quebre.

Há referência à fragilidade de certas cousas. Por extensão, refere-se à fragilidade de certas virtudes.

Quem quiser ser bem querido, não se mostre afeiçoado.

O gaúcho prefere reservar-se no sentimento afetivo a expandi-lo, mesmo aos olhos do objeto dessa afeição.

O alfinete pequeno em qualquer parte se esconde.

Para quem é modesto fácil é evitar os outros.

Quem tiver o seu segredo não conte à mulher casada: a mulher conta ao marido e o marido ao camarada.

É o mesmo sentimento de desconfiança para com a mulher, que já transpareceu em outros adágios citados.

Tôda a volta dos arroios procura o seu natural.

É a tendência dos seres e das cousas que não escapam às leis naturais, quando entregues a si mesmo. Em francês, diz-se: "*Chassez le naturel, il reviendra au galop*".

Tiririca do banhado, quando cbove, não se molha.

É a invulnerabilidade de quem, por natureza ou hábito, resiste a certos acontecimentos que, para os outros, são ofensivos.

Três cousas há neste mundo que me fazem muito mal: mulher velha, noite escura, cachorrada no quintal.

Fácil é a compreensão dessa quadrinha popular.

Ao ferro co'a ferrugem, o tempo todô consome.

Diz da ação destruidora do tempo e contrapõe-se ainda à persistência efêmera do amor ou da dor.

Em qualquer pocinho d'água Deus pode fazer um peixe.

É o poder onímodo de Deus que aqui se registra, ensinando-nos que tudo pode acontecer neste mundo.

Nas ondas do mar se criam peixes que nadam bem.

Só em meio próprio é que podemos ser perfeitos.

Botam panela no fogo, mas não sabem temperar.

Refere-se à inabilidade de certas pessoas como, por exemplo à das mocinhas casadouras.

Sapatinho acalcanbado no monturo já deixei.

O que não presta deve ser abandonado.

P'ra tudo é preciso sorte, até p'ra lavar também. O dia que não faz sol, a roupa não "quaza" bem.

Quera — diz-se da roupa ensaboadá, posta, geralmente, ao sol, para clarear. — Reconhece-se que a sorte nos acompanha até mesmo nos atos mínimos da vida. É um fatalismo evidente.

Tu te despedes de mim como a casca deixa a cobra.

É a despedida de quem não voltará mais.

Não há desgraça no mundo que não veja outra maior; nem cousa boa se encontra que não haja outra melhor.

Ao mesmo tempo que nos ensina a ver na desgraça o consolo de que poderia ser pior, nos dá a esperança do "melhor", quando temos o "bom".

A manga d'água que cai leva tudo de arrastão.

É o ímpeto invencível das paixões, na sua fúria destruidora.

A cerca de pedra é falsa, a cobra aí faz seu ninho.

A maldade se aninha nos corações falsos.

Quem faz mal tem seu castigo.

A má ação, cedo ou tarde, encontra o "prêmio".

Quem canta refresca a alma, cantar adoça o sofrer; quem canta zomba da morte, cantar ajuda a viver.

Encerram-se, nos versos dessa quadra, do "quem canta seus males espanta", da poesia popular portuguesa.

Eu governo a minha casa, cada qual governa a sua.

É o amor-próprio intenso do gaúcho que, individualista convicto, não tolera a submissão aos outros, e, rei em sua casa, não admite a intromissão de outros nos seus negócios e assuntos.

Braba como potranca mal marcada, quando de cola alçada se alvoroça.

Potranca — feminino de *potranco* ou *potro*. Filha de égua de um até dois anos. Cândido de Figueiredo define *potranca* como "égua nova de menos de 3 meses". *Marcada* — de marcar (ferrar, no Norte). Aplicar a marca, fazer o serviço da *marcação*, que é o ato de marcar os animais de uma estância e que se realiza, em fins de agosto e princípio de setembro, quando a safra é boa. — *Cola* — cauda de certos animais. É termo português muito antiquado, mas muito usado no Sul. É vocábulo castelhano. Os gaúchos, como um requinte, costumam atar a cola do cavalo por vários modos. — O adágio se refere à mulher que, desabrida e violenta, insiste contra tudo.

Agarrado como carrapato na costela de animal peludo.

Diz-se da pessoa que, impertinente nos persegue, mesmo quando o faz por afeição.

Corre mais que um bagual com um couro cru na cola.

A rapidez da fuga de quem sofreu um vexame. Exprime a velocidade das cousas que passam.

Quem vai p'ra se casar, vai pr'o caminho do céu.

É a felicidade que, geralmente, inunda o coração dos noivos.

A mulher é como gato que mia, quando namora; porém, assim que se casa põe as unhas de fora.

Sempre o mesmo juízo irônico sobre a mulher. Refere-se ainda à mudança do caráter da mulher, no casamento, em confronto ao noivado.

Aqueitar água para outro tomar mate.

Preparar alguém um negócio e outro tirar-lhe as vantagens, os proveitos. Mais propriamente, aprontar a moça para outro gozá-la. É a explicação de João Simões Lopes Neto.

Quando urubu anda sem sorte, não há galho de pau que o agüente.

Quando se anda mal não se encontra apoio (Simões Lopes Neto). Quando nos falta a sorte tudo nos falta.

Tostado, antes morto que cansado.

Tostado — côr de pêlo de cavalo. São reconhecidas as más qualidades desses animais.

Tordilho nãgua é melhor do que canoa.

Tordilho — côr do animal cavalariço ou muar em que predominam os pêlos brancos. Há diversas variedades. Derivado de "tórdo". No Norte, a esta côr supõe Romaguera Corrêa, dão a denominação de "russo". Aqui se exaltam as qualidades superiores dos animais desse pêlo.

Aspa mole, boi gordo.

Aspa — chifre, corno, ponta, *guampa*, quando ainda no animal.

Casco rachado, cavalo gordo.

Ambos os adágios se referem à experiência secular na divulgação dos conhecimentos úteis, que são, aparentemente, apriorísticos.

Porongo sempre dá cuia.

Porongo — já registramos esse vocábulo. — *Cuia* — cabaça, ou cabeça de porongo, quase sempre ricamente praticada e lavrada, em que se prepara e bebe o *mate*, por meio de um canudo de metal denominado — *bomba*. Há cuias de louça, barro, etc. Deriva do guarani — *jacubi* — cabeça. — Certos indivíduos sempre dão de si resultados certos, facilmente previsíveis.

O biguá, em terra firme, não corre; tropica e cai.

Biguá — pássaro que vive à superfície dos rios e das lagoas. Quem está fora das condições habituais, isto é, do seu meio natural, é incapaz de sair-se bem de uma empresa. Registra-o Simões Lopes Neto no seu "Cancioneiro Guasca" e nele se ridiculariza a façanha do almirante Saldanha da Gama que, sendo marinheiro, veio ao Rio Grande, durante a Revolução Federalista de 1893, para lutar, como soldado de cavalaria, perecendo em "Campo Osório", vítima de um golpe de lança.

*Cada macaco vá ficando no seu pau.
— Quem é campeiro é no campo.*

Referem-se ainda estes dois adágios, retirados do mesmo "Cancioneiro", à necessidade de cada um se conservar dentro de sua profissão, no seu lugar.

Caílo é como gente: engana na aparência que é barbaridade!

Caílo — o mesmo que cavalo. Diminutivo de cavalo é o modo mais usual com que se exprime o nosso gaúcho. O amor deste, ou melhor, a intimidade

do cavalo, na sua existência, faz com que o gaúcho lhe empreste as mesmas virtudes e os mesmos defeitos do homem e vice-versa.

Manso como matungo aguateiro.

Matungo — cavalo velho, mui manso ou arruinado e quase sem préstimo e valor. Palavra usada em Cuba com o sentido de fraco, débil. *Aguateiro* (em vez de aguadeiro) — é o animal que serve para puxar a carroça d'água. Derivado do hispano-americano *aguatero*. Aplica-se o adágio a uma pessoa dócil, submissa, passiva, que não reage.

Homem é homem, gato é bicho.

De sentido e aplicação vulgares.

O homem de olhos limpos é guapo e mão aberta; cuidado com os vermelhos, mais cuidado com os amarelos; e toma tenência dobre com os raiados e baços.

Tenência — cuidado, precaução, perseverança. *Tenência dobre* — precaução, atenção dobrada. — São uma série de avisos.

Vai que nem chimarrão esfomeado atrás da carneação.

Chimarrão — não confundir com o *mate* sem açúcar, amargo, se bem que esta denominação deva provir daquele. Apesar das dúvidas existentes, emprega-se, como no adágio citado, no sentido de cão bravo, que habita o mato, cevando-se de animais que ele mata. Romaguera Corrêa diz que é pouco usado, mas, ainda assim, encontra-se mais comumente do que parece. É corruela de *cimarron*, usado na América Espanhola na aceção de animais e plantas silvestres. — *Carneação* — ato de carrear ou esfolar a rês, depois de abatida. Aplica-se à pessoa ansiosa que corre ao encalço de outra ou de algum objeto de que tem necessidade.

Chimarrão sem churrasco é laço sem argola ou rêlho sem açoiteira.

Chimarrão (ou amargo) — mate sem açúcar; bebida usada no Rio Grande, principalmente na região serrana. Graças a essa tradicional bebida, consegue o gaúcho reparar os efeitos da sua alimentação cárnea. — *Argola* — é colocada num dos extremos do laço. — *Açoiteira* — no plural, se refere às pontas das rédeas, com as quais se castiga o cavalo que se monta. No singular, é a extremidade do rêlho ou rebenque, feita de couro. Sinônimo: *coiteiras*. Derivado do castelhano — *azote*, açoite, ou melhor, do hispano-americano — *azotera*. — *Churrasco* — pedaço de carne sangrenta e mal-assada sobre as brasas ou labaredas. É o alimento predileto dos gaúchos. É palavra hispano-americana. — O adágio se refere ao, por assim dizer, *binômio alimentar* — churrasco e mate amargo. Um sem o outro é incompleto. Poder-se-ia generalizar a significação no sentido de não haver *comidas sem bebidas*.

Praga de urubu não mata cavalo.

A má vontade de nossos inimigos não nos causa perigo algum, nem nos deve preocupar aquêle que tem interesse em nos desejar todo o mal possível.

A vingança é doce, mas os frutos são amargos.

Na obra em que o colhemos, êle é pôsto nos lábios de um lusitano, morador no Rio Grande. A sua compreensão é clara.

A vida vale mais do que uma ponchada de onças.

Ponchada — grande quantidade de qualquer cousa e que poderia encher um poncho. — *Onças* — moeda espanhola. — Refere-se ao nenhum valor do dinheiro em comparação ao da vida.

Não é por escarcear que se conhece o pingo.

Escarcear — atirar a cabeça para cima e, logo depois, em seguida baixá-la, curvando, garbosamente, o pescoço. (Romaguera Corrêa foi o primeiro a registrá-lo). Diz-se, somente, dos cavalos. — *Pingo* — cavalo fioso, bom e vistoso. — Quer dizer o adágio que não é o aparato a prova real do valor de alguêm.

Temos boi na linha...

Forma sintética. É comum, sobre o leito das estradas de ferro, permanecer gado dos campos próximos, que não são tapados. Quando isso se dá, o condutor do trem precisa de grande cautela. — Aplica-se, por isso, ao perigo iminente, a contratempo inesperado e vale ainda por um aviso.

Touro do meu rodeio, tourito em rodeio albeio...

Rodeio — ponto em determinada parte do campo onde se faz reunir e parar o gado, para apartear, contar, separar, examinar e curar as reses. — Quer-se dizer que fora de lugar onde se vive perde-se parte do valor próprio. De touro passa-se a tourito.

Tirar lixiguana sem poncho...

Lixiguana ou *lexiguana* — é uma espécie de abelhas (maribondos), que fabricam um mel muito saboroso. — Refere-se, na forma de adágio em compressão, ao perigo a que se expõe quem não toma certas precauções, ao praticar certa ação: é ir atacar uma abelheira, sem proteger-se com um poncho.

Gaúcho de lei não se acobarda de nada.

É a consagração do valor do "monarca das coxilhas". Vale ainda como um incentivo.

Pau que nasce torto, tarde ou nunca se endireita.

Põe à mostra a ação demorada ou nula da educação sobre o indivíduo que é visceralmente mau. É o registro doloroso da fatalidade da regeneração, que zomba dos processos de reformatão individual.

Cavalo se coça em toda a parte, menos em urumbela.

Urumbela ou *urumbela* — Roque Callage cita o vocábulo, transcrevendo um trecho das "Ruínas Vivas", de Alcides Maya, sem lhe dar, porém, o sentido. Romaguera Corrêa nem o registra. Cândido de Figueiredo diz que é sinônimo de *cumbela*, espécie de cacto brasileiro. — Aplica-se ao fato de ser preciso conhecer-se com quem nos metemos. O valentão respeta sempre alguém...

Não pules sem bater no lombo.

O cavaleiro deve, antes de cavalgá-la, acarinhar a montaria. Antes de fazer alguma coisa, deve-se procurar evitar surpresas.

Geadas na lama, chuva na cama.

É a observação do tempo. Quando, depois da chuva, o campo ainda está lamacento e vem a geada, é sinal certo de chuva.

Sem sorte como urubu sem carniça.

Carniça — Divergem os dicionaristas regionais. Callage, discordando da significação que lhe dá Romaguera Corrêa, acha que é a rês morta abandonada no campo, em estado de putrefação. Para este seria rês que está sendo esfolada ou os restos da rês que se abandona no lugar onde foi ela esfolada. — De qualquer modo, enquanto se discute o valor do vocábulo, pode-se compreender a aplicação do adágio à vulgaridade do exemplo. É o caiporismo de quem tem fome e não acha pão.

O que é do "home" bicho não come.

Parece significar que o que tem de ser será. Por outro lado, parece firmar que homem é homem... Para nós, tem um sentido vago, ambíguo.

Onde está o homem, está o perigo.

A observação do filósofo: "homo hominis lupus"...

Fogão de carreteiro em cima de outro é sinal de desgraça.

Fogão — grande fogo que se atea no chão e onde se reúnem os tropeiros e gaúchos para se aquecerem ou tomarem mate e assar os seus churrascos. Roque Callage limita a expressão aos galpões das estâncias. Nesse adágio, enuncia-se um preconceito aziago, com um fundo de superstição.

A felicidade não se junta com a riqueza.

Confirmação mais literária de que uma não é corolário da outra.

Triste e jururu como carancho em tronqueira.

Jururu — tristonho, cabisbaixo, melancólico, pensativo. — *Carancho* — ave de rapina de aspecto tristonho (o caracará). — *Tronqueira* — cada um dos grossos esteios que são colocados nas porteiras e em cujos buracos são introduzidas as varas das mesmas. É, no linguajar expressivo da linguagem gaúcha, a clássica referência ao homem que está triste, só, desconsolado, "jururu".

Rebenqueando que nem rabo de tatu no lombo de matungo ledo.

Rabo de tatu — rebenque feito de couro trançado não tendo cabo de madeira ou de ferro (Romaguera Corrêa), com argola de ferro ou de metal na extremidade em que se segura. — *Rebenque* — chicote com palma de couro na extremidade. — *Matungo* — cavalo

manso, quase sem préstimo, inferior. Tem esta expressão comparativa, para nós, um duplo sentido. Evidencia a necessidade da energia e do incentivo aplicados a uma pessoa fria e incapaz. Pode-se também figurar a fúria, o desespêro de que se sente atingido por algo que lhe faz dar por paus e por pedras.

Isto não é cancha p'ra ca'alo de tiro curto.

Cancha — lugar onde se realizam carreiras. — *Ca'alo* — cavalo — quer dizer que certas cousas não são para certos indivíduos, isto é, estes não merecem ou não podem conseguir aquelas.

Ovelha não é p'ra mato.

Cada ser tem um ambiente que lhe é próprio, onde a vida é fácil e segura. Diz-se também dos indivíduos que se querem meter em assuntos ou atos para os quais faltam qualidades e para os quais o fracasso é certo.

Boi leido toma água turva ou morre de sede.

Confirma que o prazer da vida é colhido pelos mais espertos e audazes. Quem se deixa ficar em casa, é vendido, cabendo-lhe a conformação com a desventura. *Audaces fortuna juvat.*

Não há tropa sem boi corneta.

Corneta — animal vacum que tem falta de um dos chifres ou que possui um deles quebrado. Fala-se também de um indivíduo intrometido, que anda a atrapalhar outra pessoa; aplica-se, por analogia, ao animal defeituoso que é corrido pelos outros, dos quais foge por não poder lutar e ao fugir vai dando *trompálios*, a torto e direito. Esse adágio refere-se, comumente ao fato de sempre haver, numa família ou sociedade, um membro que se evade à norma do todo. Um filho mau, por exemplo, entre pais e irmãos dignos.

Boi sôlo lambe-se todo.

Aplica-se ao gôzo da liberdade que desfruta, alegre, alguém que é obrigado a se manter dentro da mais rigorosa disciplina ou submissão.

Pobreza pouca é bobagem.

É a demonstração dos espíritos fortes atingidos por grande desventura e sinal de altivez na pobreza, para enfrentar as adversidades da vida.

Como cachorro de caça, vale o pingo, pela raça.

Quer significar que, pelo sangue, pelos ascendentes se conhecem os animais e os homens. É uma variante de outros adágios sôbre a importância do fator herança na formação do caráter.

A morte é p'ra quem lhe toca.

Outra forma do "fatalismo" do gaúcho que, na sua vida cheia de aventuras e acidentes, na paz e na guerra, sabe que a morte vem quando fôr a hora.

Saudade abafada é mágoa.

É a expressão refreada da alma guasca que, quando presa da saudade, encontra na confidência um lenitivo. É a ânsia do desfôgo.

Eu sou p'ra tôda a obra.

Quando se sente alguém com capacidade, para qualquer emprêsa, principalmente, na paz e na guerra.

Quem campereia de em pêlo, arrisca menos perigo.

Campereia — modalidade de *campear*, isto é, procurar, pelos campos, uma pessoa, animais ou qualquer cousa. Procurar, esquadrinhar. — *De em pêlo* — montar a cavalo sem arreios. — É a observação de que vale mais andar sem criar complicações, para evitar perigos.

No poncho encombrem-se tudo o que tem o gaúcho pobre.

O gaúcho faz dessa peça de sua pitoresca indumentária um uso universal. É como o dito de Bias, o filósofo grego: *tudo o que é meu trago comigo.*

O rastro do pé prova a vida do vivente.

Sinal deixado pela passagem de alguém, que se procura ou que se teme.

Sempre que teu pingo tope chão em que pasto não brote, não deves ir a galope, vai devagar, vai a trote.

É fácil compreender-se o conselho contido na quadrinha: o de precaver-se da existência oculta de alguém.

Não atropela o petiço, se quiser chegar ligeiro.

Petiço — cavalo de pequena estatura, que não chegou a desenvolver-se. — É o mesmo que: devagar se vai ao longe, o *piano, piano*... dos italianos. Pode-se ainda atribuir ao conselho o significado de não se poder contar com as forças de quem não chegou a desenvolver-se, ficando alguém do normal.

Quem faz paga neste mundo.

É a ameaça do castigo que espera, aqui na terra, cedo ou tarde, a quem praticou uma má ação.

Não há mecha bem queimada que falhe com a faisca.

É o uso do isqueiro de campanha

e se refere ao fato de não falhar quem está preparado para um acontecimento (???)

O brinquedo é como a cinza que não deixa a brasa arder.

A diversão combate o fogo da paixão; não a deixa exaltar-se, antes a amortece. Será uma forma do "flirt"?

A argola é que sempre chega primeiro.

Refere-se à argola do laço do gaúcho. Quando atirado este, aquela, pelo péso e maior velocidade, chega primeiro ao alvo. O pior é o que mais nos atinge.

Tropa grande se corta em mais de um lote pr'a que vá mais ligeiro.

Tropa — porção grande de gado vacum, que se conduz para as xarquearias e outros lugares. — Refere-se às dificuldades de se dirigirem as grandes mastas humanas e à conveniência de separá-las, fragmentá-las. Dividir, para governar — é uma fórmula política. Dividir para bater em separado — é uma fórmula napoleônica.

Agüenta bem anilho no pescoço.

Anilho — a parte da *colbota* que circunda o pescoço do animal. Colheta é a corda que serve para unir os animais, cujos pescoços são circundados pelos anilhos. Provém do castelhano *anillo* — anel. Aplica-se à submissão, à passividade de alguém, ao aceitar uma imposição estranha à vontade própria.

